

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE EX-PROFESSORAS PRIMÁRIAS DO GRUPO ESCOLAR “ANTONIO PADILHA” (1952/1990)¹

Regina de Fátima Meira²

“Os historiadores sentem que os documentos escritos falham no registro dos sentimentos humanos e na espontaneidade.” Alice Kessler Harris

RESUMO

Este trabalho é o relato das memórias e histórias de ex-professoras primárias do Grupo Escolar Antonio Padilha da cidade de Sorocaba, no período de 1952 a 1990. Usou-se o método da história oral, da análise de documentos, imagens e o que foi publicado na mídia, acerca do período relatado para que a trajetória dessas vidas fosse montada. A transcrição foi a metodologia usada para trabalhar os relatos da vida escolar e pessoal das interlocutoras dessa história. Buscou-se a prática de sala de aula, a formação escolar dessas ex-professoras, bem como o relacionamento entre elas, o diretor, a escola e a comunidade. No decorrer dos relatos, surgem as mudanças na legislação educacional e os medos e anseios que esse novo acarretou. Foi relevante o discurso de cada interlocutora para análise das práticas escolares nesse recorte temporal, bem como das fotografias que mostraram o tempo que nunca foi esquecido.

Palavras-chave: *prática escolar; grupo escolar; história oral; transcrição; Grupo Escolar “Antonio Padilha” – Sorocaba, SP.*

ABSTRACT

This work is a report on memories and stories of ex-elementary school teachers at the *Antônio Padilha* Elementary School (*Grupo Escolar Antônio Padilha*) in Sorocaba, over a period that ranges from 1952 to 1990. The methods used were oral storytelling, analysis of documents, as well as images and media publications related to the period reported, so these life courses could be organized. The methodology used to study the reports of the speakers' school and personal lives in this story was the transcription. Classroom practices, ex-teachers' education, and also, relationship among the teachers themselves were investigated. Not only that, but also, the way the teachers related to the school principal, to the school itself and to the community. As the reports developed, changes in education legislation emerged, associated to the fears and longings brought about by such novelty. Each narrator's speech was relevant to the analysis of the school practices in this time frame, as well as photos that showed a time that has never been forgotten.

Key words: *school practice; elementary school; oral storytelling; transcription; Elementary School “Antonio Padilha” – Sorocaba, SP.*

Trabalhar com a memória oral é resgatar o cotidiano de pessoas que fazem a história do dia-a-dia, é o prazer de mostrar o que ninguém se importa, como se a historiografia fosse baseada apenas em fontes documentais.

Na montagem da história de quase 50 anos do Grupo Escolar “Antonio Padilha”, houve a reconstrução dessa época com base em história oral. História essa colhida na fonte de dez vidas, essas que, ao narrar suas memórias, recriaram o tempo, com todas as nuances de uma época que se acha, ainda, grafada, no imaginário de muitas pessoas – o grupo escolar.

O trabalho buscou na história oral a prática escolar, ou melhor, quais as práticas escolares que essas professoras adotavam, como era o cotidiano escolar, as relações escola-comunidade-família, isso sem abandonar, em hipótese alguma, o tempo, como catalisador de todos os lugares e ambientes. Ainda há de se frisar que esse tipo de pesquisa exige muita habilidade, para que a credibilidade se instale na sua realização, posto que há até pouco tempo, basear-se, num trabalho acadêmico, na história oral, era considerada marginal, ou de somenos importância.

Sobre a marginalidade anterior da história oral, Meihy, escreveu:

Houve época que a história oral não era bem aceita pela comunidade intelectual de vários países ou culturas. Então para ressignificá-la, autores que defendiam sua validade retraçaram o trajeto da oralidade, remontando a uma genealogia baseada no pressuposto de que os primeiros historiadores – como Heródoto -, o “pai da história” – estabeleceram a participação pessoal, o testemunho, como base para descrever a “verdade” ou a “realidade” do que se via. (MEIHY, 2002, p. 92).

É inegável, a importância da transmissão oral no conhecimento da humanidade, através dos séculos, o relato oral sempre foi a maneira de preservação de toda a cultura, pois a narrativa é a fonte de difusão dos vários saberes. A transmissão oral de conhecimentos processa-se já nos primeiros anos de vida de qualquer pessoa, pois seu aprendizado primeiro é no seio da família.

Quando os primeiros hominídeos gravaram nas cavernas, com desenhos, seu cotidiano, jamais poderiam imaginar que estariam relatando seu modo de vida, para as gerações vindouras, as quais, depois, iriam reconstruir esse passado longínquo e “montar” essa história.

Nesse prisma, a história de vida está apta para conhecer como é o desenvolvimento do indivíduo em seu meio sócio-cultural, e se esse conhecimento não for coletado, ele pode desaparecer.

Hoje, é inegável que o relato e a história de vida são uma base sólida de pesquisa qualitativa, no entanto, há de ser cuidadoso o pesquisador ao extrair dessa pesquisa somente aquilo que se deseja, para que o trabalho seja embasado na metodologia correta e não somente num discorrer de coisas cotidianas corriqueiras, as quais podem não ter nenhum interesse mais acadêmico.

Segundo Freitas a história oral fornece dados para a reconstrução do passado recente e afirma:

A história oral legitima a história do presente, pois a história foi, durante muito tempo, relegada ao passado. Esse redimensionamento do trabalho do historiador e a crescente revalorização da oralidade – embora mediatizada – trazida pela expansão dos meios de comunicação de massa como o rádio, a televisão, o cinema, discos etc, indicam a oportunidade de uma revisão das posturas historiográficas que têm, até hoje, olhado com grande desconfiança o testemunho pessoal. (FREITAS, 2002, p. 47)

No entanto, o trabalho com memórias obtidas a partir de histórias de vida, para o pesquisador, é uma experiência de trabalho inestimável; permite-lhe um enriquecimento teórico que decorre do envolvimento e questionamento contínuo neste processo de coleta de dados, e, comigo, não foi diferente, a todo instante, ou a cada entrevista, havia um novo

interesse despertado, pois lidar com o particular e o geral não é uma tarefa de fácil realização, ainda mais na medida que, em cada história de vida é um todo que se apresenta, e isso causa uma série de novos interesses e novos referenciais teóricos precisam ser buscados. Toda pesquisa é um processo social e, como tal, sofre alterações no seu desenvolvimento.

Quando decidi basear minha pesquisa do Grupo Escolar Antonio Padilha em histórias de vida de ex-professoras que trabalharam juntas e, ainda hoje, têm um relacionamento de amizade, tive de ater-me ao lapso de tempo em que elas trabalharam, e como iriam buscar na memória suas práticas escolares tão distantes.

Vale afirmar que eu buscava a escola do passado, aquela que no imaginário sorocabano foi uma das melhores, numa visão ufanista de alguns: a melhor. Por isso grafar a memória dessa escola é importante, pois chegará ao mundo acadêmico como era prática dos sujeitos dessa história.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva-me conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seu momento vivido. (BENJAMIN, 1986, p. 233)

Meu primeiro contato foi com Dona Maria de Lourdes Fleury, desde logo, ela se mostrou interessada em trabalhar comigo nesse projeto, ficou muito empolgada e foi ela, sem dúvida, que me motivou ainda mais. Dona Maria de Lourdes conta, hoje, com mais de setenta anos, tem a saúde agravada por uma artrite, mas sua memória é indelével, clara.

Minhas conversas com as professoras me remeteram ao que explana Ecléa Bosi sobre a lembrança de épocas distantes, as memórias gravadas situam entre aquelas que marcaram o ser humano de alguma forma, na sua significação, o cotidiano, sem importância, ou relevância é facilmente esquecido, mas os fatos, sejam eles bons ou ruins, se tiveram relevâncias, ficam gravados, fazendo parte do imaginário jamais esquecido.

Busquei novos referenciais a fim de poder trabalhar com o relato das histórias de vida dessas professoras, buscava a prática escolar, o que era ensinado e como era ensinado, o que era significativo para elas, àquela época.

Teresinha Bernardo, em sua obra *Memória em Branco e Negro – Olhares sobre São Paulo*, reconstruiu a história da cidade de São Paulo, no início do século XX sob o prisma da memória dos velhos brancos e negros, mostra como foram aqueles anos e como a memória dos envolvidos na pesquisa vem à tona. O que não foi diferente em meu trabalho, as lembranças obtidas das professoras foram coletadas de acordo com a recordação. Ao longo da entrevistas, as frações do passado fluíam com maior ou menor intensidade, justificando:

A coleta de dados sobre memória não segue uma linearidade, revelando os seus próprios mecanismos. É um ir e vir constante. Os caminhos são de profunda complexidade, demonstrando aspectos multifacetados das potencialidades do lembrar. Associações são realizadas entre dados do passado e do presente, bem como em outros diferentes aspectos. (BERNARDO, 1998, p.37).

Antropólogos, na metade do século XX, quando estudaram memória, deslocaram-se para as representações e idéias que fazem parte do interior de certos grupos sociais. Na minha coleta de dados junto às professoras procurei, também, buscar o grupo social que elas viveram profissionalmente, no entanto todas são amigas até hoje, mulheres que lêem, praticam esportes, trabalham e vivem intensamente, inseridas no contexto atual, mas quando o passado se revelava, elas ficavam indecisas, num primeiro momento; depois, tornavam-se muito falantes, o cenário estava ali, só faltava buscá-lo na memória e nós fomos.

A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão, enfim com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1979, p. 87)

Ao buscar a história das práticas escolares do Grupo Escolar Antonio Padilha, usando da história de vida de ex-professoras, seus relatos não seguiram, realmente, uma forma linear. As entrevistas sempre foram feitas em suas residências, exceção feita a Dona Meire que me recebeu, em uma das entrevistas, em sua empresa, ela é executiva da Rádio Vanguarda de Sorocaba e da TV Sorocaba, posto que assumiu o trabalho na mídia, após a morte de seu marido o Jornalista Salomão Pavlovsky, sentadas em suas poltronas favoritas ou cadeiras em torno de uma mesa, deixaram que eu sorvesse de suas memórias do modo que elas brotavam.

Sobre a figura do narrador da história a ser captada e o narrador das memórias contadas, fica estabelecido um liame, uma junção de afetividade, que justificada na teoria, revela-se na prática:

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é épica por excelência. [...] O narrador está presente ao lado do ouvinte. [...] A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, ibid, p. 90)

Dona Miriam, apaixonada por História e música, suas lembranças foram baseadas nas festas cívicas, e, com mais ênfase, nas dificuldades que enfrentou antes de chegar ao Padilha, oásis de tranquilidade e escola de elite (fala das professoras, confirmada pelo imaginário da cidade acerca dessa escola):

Os fragmentos de memória vinham à tona, à medida que a entrevista ia acontecendo, procurei não interferir, deixei que elas (as professoras) fossem narrando sua experiência de vida pessoal e profissional de acordo com sua vontade, mas no decorrer de seus relatos, percebe-se que os anos iniciais de sua carreira de professora marcaram suas vidas, no entanto a tenacidade com que enfrentaram suas adversidades também é notada na análise dos seus discursos.

Assim para Teresinha Bernardo o espaço e o tempo são essências da memória, o ser humano tem nela (a memória) a idéia da reversão do tempo, de trazer de volta o que foi vivido. Do canção brasileiro em versos já foi cantada a memória: “o pensamento parece uma coisa à toa, mas como é que a gente voa quando começa a pensar” (Lupicínio Rodrigues).

Nas histórias das dez professoras do Grupo Escola Antonio Padilha, nesse trabalho elencadas, não é possível, não voar com os seus relatos, em algumas ocasiões, posto que foram, em média duas entrevistas para casa professora, a amizade floresceu, eu me vi devolvida ao meu tempo estudante do Grupo Escolar e voei nas asas de meu passado ao encontro de tempos vividos, agora narrados como se não fossem meus, mas são, pois sou fruto dessa época.

As histórias foram analisadas pelo modo que foram narradas, pelos fragmentos de memória que vieram e como vieram, a transcrição desses relatos obedeceu à ordem em que apareceram na memória de minhas interlocutoras. Foi posta a reação de cada personagem, sob o ponto de vista de quem conta a história, nesse caso, a pesquisadora, e para não se perder o ponto marcante e pessoal de cada uma, à guisa da necessidade de retórica, será usada, eventualmente, a fala na íntegra.

Tenho a certeza de que trouxe nessa pesquisa com fontes orais, a premiação de uma memória de tempos felizes, mas também de tempos de incertezas com as mudanças no ensino,

de tempos de muito orgulho cívico, muita participação aluno-escola-família, isso somado à experiência de todas deu uma característica diferenciada ao Padilha no meu recorte temporal.

Deve-se, aqui, esclarecer o interesse por práticas escolares, posto que a sala de aula é um oásis dentro da escola, não aquele agradável e para alívio temperaturas altas, mas sim, no sentido de ser um espaço que só é conhecido na sua fidelidade de acontecimentos por aluno e professor, pois o laço que os une tem muito de afetivo, e de particular e geral, de feliz e infeliz, são antagonismos próprios de qualquer época, em qualquer escola e no Padilha não foi diferente.

Os relatos foram tão fortes e reais, que, muitas vezes, o leitor mais vivido, irá remeter-se à sua escola primária, comparando-a com a que aparece nessa dissertação, ou simplesmente conhecendo-a, caso seja mais jovem, como era essa escola nesse recorte temporal.

Fui fiel aos relatos que me foram confiados, assim como quem guarda uma preciosidade, prova disso que juntei, nos anexos, a íntegra das conversas ou do que elas escreveram, como prova de fidelidade às suas memórias.

Ao longo dessa pesquisa, o leitor pode buscar o ensino que minhas interlocutoras desenvolveram, o carinho com preparavam suas aulas, a dedicação que tiveram para suprir as dificuldades do escasso material didático, a alegria da convivência no local de trabalho. O mérito ao realizar o trabalho de comemoração de suas festas cívicas, isso permeou toda a narrativa.

Não quis, em momento algum, fazer críticas ou buscar respostas, mas sim colher dados, registrar e comparar os relatos. Minha intenção de pesquisa se mostrou finda, nesse momento. No entanto, pesquisar sobre o Padilha, não. Ainda há muito a se buscar na reconstrução dessa história.

REFERENCIAS

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (coleção os Pensadores)
- BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e Negro – Olhares sobre São Paulo**. São Paulo: EDUC: UNESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade – lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. São Paulo: Papirus, 1997.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2002.
- MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

NOTAS

¹ Dissertação de Mestrado aprovada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira.

² Profa. Ms. Do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – Itu/Salto.